

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## O MENIR DOS GREGÓRIOS.

GOMES, Mário Varela

Ano: 1983 | Número: 93

---

### Como citar este documento:

GOMES, Mário Varela, O Menir dos Gregórios. *Revista de Guimarães*, 93 Jan.-Dez. 1983, p. 133-148.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# O Menir dos Gregórios

## (SILVES)

Por MÁRIO VARELA GOMES

### 1. *Localização*

Acompanhados por José Luís Cabrita e Caetano de Mello Beirão identificámos, em Novembro de 1979, o monumento agora dado a conhecer, referenciado havia já alguns anos pelo primeiro daqueles nossos amigos, companheiros de muitos trabalhos de prospecção e de escavação no Algarve.

O menir dos Gregórios encontra-se, no sítio dos Pontais, no cimo de um cerrinho, com cerca de 90 m de altitude, constituindo uma espécie de esporão, rodeado por duas pequenas linhas de água, fazendo parte de um relevo que se acentua na direcção noroeste e termina, com a cota de 282 m, no topo do outeiro onde foi instalado o marco geodésico da Galheira (*Fig. 1*).

Administrativamente aquele lugar pertence à freguesia de Nossa Senhora da Conceição, ao concelho de Silves (de que dista cerca de 8 km em linha recta na direcção noroeste) e ao distrito de Faro.

As coordenadas geodésicas aproximadas do ponto onde se encontra o monumento são: 37° 14' 10" de latitude Norte e 8° 21' de longitude Oeste de Greenwich (segundo a Carta Corográfica de Portugal, Silves 49-D, esc. 1:50.000, 1964).

Atinge-se o local tomando a E. N. n.º 124-3 que, partindo da E. N. n.º 124 troço Silves-S. Bartolomeu de Messines, conduz à barragem do Arade; percorrido apenas 1 km, toma-se, à direita, um desvio que passando por Canhestros termina junto ao casario dos Gregórios. O menir encontra-se, como referimos, no sítio dos Pontais, isto é, a cerca de 300 m para Noroeste da pequena povoação dos Gregórios.

Zona de barrocal, irrigada por inúmeras pequenas linhas de água subsidiárias do rio Arade activas apenas no Inverno, as suas terras mais expostas e menos ricas são aproveitadas para a agricultura de sequeiro, vendo-se nas zonas baixas, mais abrigadas e húmidas, regadios e hortas,

verdejando também extensos pomares, sobretudo de citrinos. O povoamento é do tipo disperso, localizado em montes ou casais, e fez-se quase sempre ao longo das linhas de água aproveitando, geralmente, as encostas abrigadas voltadas a sul.

## 2. *Descrição do menir*

É um monumento monolítico de forma subelipsoidal, muito estreito e quase estelar, talhado em grés vermelho de Silves. Mede 2,35 m de altura e a sua maior secção apresenta dois eixos ortogonais com 0,80 m e 0,55 m. Encontra-se tombado no terreno, talvez em virtude de ter sido propositalmente derrubado, mostrando junto à base alguns blocos soltos, também de grés vermelho, que poderão ter pertencido à sua estrutura de sustentação (Estr. I).

Extensas bancadas de grés vermelho do Triásico, orientadas NE-SW, afloram na encosta onde se erguem os casarios dos Gregórios e de Canhestros e podem ter sido utilizadas para a extracção deste menir. O monumento dos Gregórios, depois de cortado e de afeiçoado por lascagem, foi regularizado por boiardagem com percutores líticos mostrando, em algumas zonas da sua superfície, os negativos levantados pelas pancadas daqueles artefactos. Apresenta algumas covinhas e feridas modernas. Estas foram provocadas por ferros de charruas e por tentativas de corte ou despedaçamento talvez por estorvar a actividade agrícola ou, ainda, para ser reaproveitado como matéria-prima; facto que infelizmente se tem verificado em muitos monumentos deste tipo.

## 3. *Integração cultural*

O monumento que acabamos de descrever faz parte de um grupo de menires que, por serem talhados em grés vermelho, se individualizam dos restantes encontrados no Algarve (construídos em calcário branco e apresentando uma grande diversidade formal) apesar de quando decorados a sua iconografia oferecer idêntico reportório.

Este grupo, constituído até ao momento por seis exemplares, oferece uma distribuição geográfica bem localizada, circunscrita a uma pequena área a Noroeste de Silves, entre esta cidade e a vila de S. Bartolomeu de Messines, exceptuando-se um monumento identificado perto da povoação de Figueira (Vila do Bispo) e coincidindo, todos os casos, com zonas onde afloram extensas bancadas de grés vermelho (*Fig. 1*). A construção e erecção de um menir, apesar de ser consequência de um projecto autónomo por vezes fazendo-o transportar durante muitos quilómetros de modo a erguê-lo no local pré-determinado, utiliza, no entanto, a matéria-prima disponível, recorrendo, nas zonas apontadas, à rocha mais comum — o grés vermelho —, não atingindo a totalidade destes monumentos, conhecidos no Algarve, uma percentagem

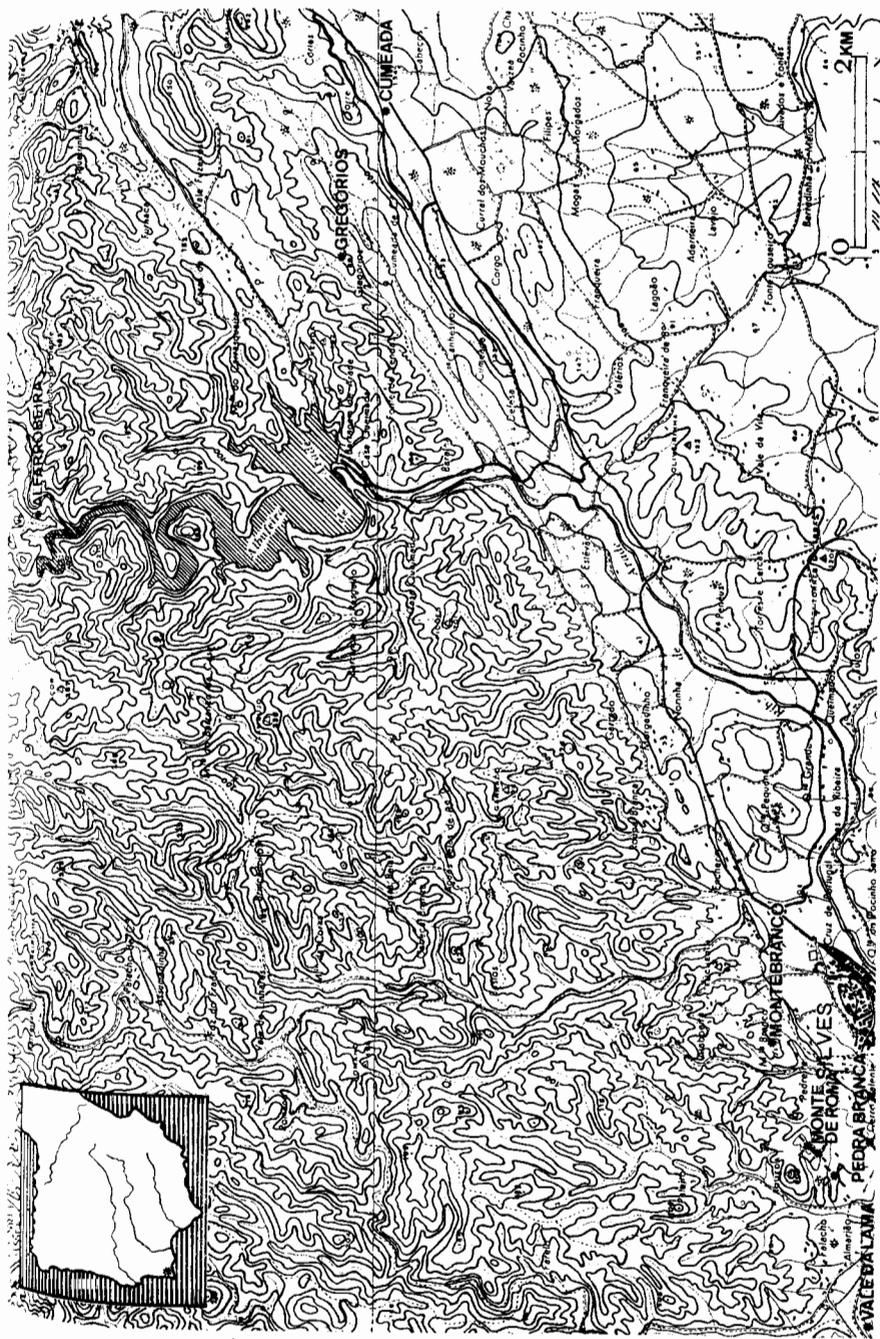


Fig. 1 — Localização do menir dos Gregório e dos restantes monumentos daquele tipo encontrados nos arredores de Silves.

superior a 7%. O grés, rocha pouco dura facilmente cortada e afeiçãoada, foi, naquelas regiões como em outras do barlavento algarvio, até há bem pouco tempo a matéria-prima tradicionalmente mais empregue na construção, sendo o castelo de Silves e a muralha que cerca a aldeia daquela cidade os melhores exemplos do seu uso.

É Estácio da Veiga (1880, 219) quem primeiramente faz referência a dois menires de grés vermelho que descobriu em 1878, na Cumeada, a pouco mais de 1 km do por nós identificado nos Gregórios. Um dos monumentos encontrado, por aquele que foi o grande pioneiro da Arqueologia algarvia, media 3,20 m de altura e, segundo o mesmo arqueólogo, «fora transformado em duas grandes pias para o gado beber», informando-nos de ter salvo «um fragmento com restos do seu ornato corrido de alto a baixo por uma lista de três cordões paralelos formando arcos opostos, muito abertos, rudemente trabalhados», que mandou guardar na Câmara de Portimão (Veiga, 1886, 219-220; 1891, 234).

Estácio da Veiga (1891, 287) ao tratar, na sua obra sobre a Arqueologia do Algarve, das lápides epigrafadas da I Idade do Ferro volta ainda a referir os menires da Cumeada, num dos quais diz ter visto «gravados caracteres iguais aos das inscrições dos Cômoros da Portela»; facto que não nos surpreendeu pois, como adiante indicaremos, temos encontrado, outros menires reutilizados durante a Pré-história.

Daqueles dois importantes monumentos, destruídos e dados como desaparecidos, tivemos a oportunidade de, em Setembro de 1980 e também acompanhados por J. L. C. e C. M. B., identificar no sítio da Cerca da Burra, na Cumeada, um bom fragmento, medindo 1,30 m de altura, 0,90 m de largura e 0,40 m de espessura máxima. Aquele bloco é a metade da porção mesial de um grande menir, de secção elíptica mas quase circular, no qual se observam claros vestígios de se ter iniciado uma escavação com vista a transformá-lo numa grande pia, confirmando-se, assim, o testemunho de Estácio da Veiga, cerca de cem anos anterior à nossa visita (Esr. II-A).

Um outro menir de grés vermelho, convertido em estela decorada do tipo «alentejano», na II Idade do Bronze, mostrando a representação de um objecto bem característico que encontramos na grande maioria das restantes estelas alentejanas), foi também descoberto por J. L. Cabrita e dado primeiramente a conhecer por C. Beirão (1973, 204-207, fig. 16). Encontra-se, fazendo parte de um muro, no Monte da Alfarrobeira, a cerca de 1 km para Oeste do Monte do Funcho de Diante, sobre a margem direita da Ribeira de Arade, na área de uma necrópole de cistas, 5 km em linha recta da Cumeada.

Em visita que fizemos ao local, em 1979, pudemos identificar o monumento como sendo um menir reutilizado na Idade do Bronze, facto que encontra paralelos tanto no menir de S. Martinho (Castelo Branco), aplanado e também transformado em estela na Idade do Bronze Final,

como no menir da Cumeada, onde E. da Veiga diz ter visto gravados caracteres idênticos aos utilizados nas estelas epigrafadas da I Idade do Ferro e indicando-nos a sua possível reutilização naquele período (Gomes e Monteiro, 1977). O monumento do Monte da Alfarrobeira apresenta forma subcilíndrica com a extremidade distal arredondada, medindo 1,70 m de altura, e secção elíptica, cujos eixos maiores medem 0,43 m e 0,32 m, encontrando-se decorado com algumas covinhas dispostas em série. Em breve o local onde se encontra será inundado pelas águas da albufeira da barragem do Funcho impondo-se, de imediato, a sua exploração arqueológica.

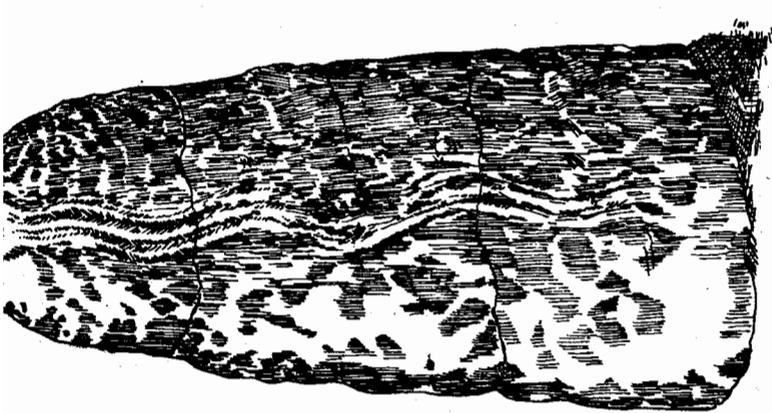
Segundo informações fidedignas, que obtivemos na Cumeada e nos Gregórios, parece-nos existir um quinto menir, talhado em grés de Silves, no sítio da Velarina, um pouco a Noroeste do menir dos Gregórios, que esperamos poder vir a identificar em breve.

Bem próximo de Silves, tanto a Norte como a Oeste, foram ainda identificados por E. da Veiga (1891, 234-235) outros cinco menires, embora, construídos em calcário: um no Monte Branco, três no Monte de Roma e dois no Monte da Pedra Branca (todos eles decorados com faixas de cordões paralelos em relevo, ondulando sinusoidalmente, dispostas na vertical) (*Fig. 2*).

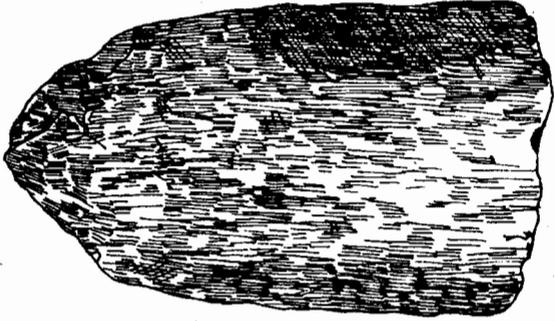
Idêntica decoração teriam ainda os menires da Cumeada, identificados por aquele arqueólogo, motivo que também encontrámos generalizado em monumentos da Caramujeira, Areias das Almas, Ferrel, Figueira, Monte dos Amantes e Padrão, atingindo o Alto Alentejo como nos mostra a decoração muito semelhante de um dos menires do cromeleque dos Almendres e, de certo modo utilizando a mesma técnica e uma iconografia afim embora mais complexa, o menir da Bulhoa (Gonçalves, 1970, 1972; Pina, 1971; Gomes, 1982). Também no Vale da Lama, próximo do Odelouca, foi encontrado, em 1970, um belo menir de forma ovóide, de calcário, com 1,66 m de altura, decorado com três faixas de cadeias de elipses, dispostas na vertical, hoje no Museu de Lagos (Est. II-B).

Apesar dos monumentos dos arredores de Silves, agora referidos, terem sido encontrados solitários, e por isso não oferecerem evidências arqueológicas que determinem a sua inserção clara num contexto, a sua tipologia própria integra-os no grande conjunto de menires, contando hoje com cerca de uma centena de exemplares, encontrados na faixa litoral, voltada a Sul, do barlavento algarvio; fazendo parte do grande complexo cultural megalítico e revelando-se como um dos seus mais interessantes aspectos (*Fig. 3*).

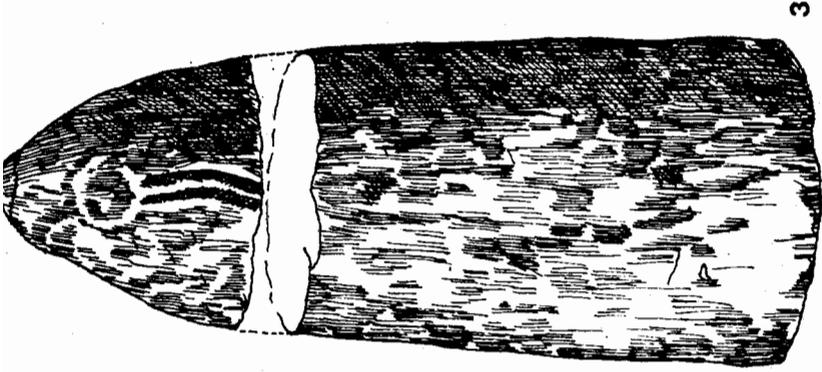
No Algarve, em estações como a Caramujeira, Areias das Almas, Ferrel de Baixo, Monte dos Amantes e Padrão, pudemos detectar menires associados a artefactos líticos e cerâmicos, oferecendo-nos importantes testemunhos, tanto de ordem cronológica como em termos de contexto, e permitindo classificar aqueles monumentos no Neolítico final-Calcolítico inicial (Gomes, Monteiro e Serrão, 1978).



1



2



3



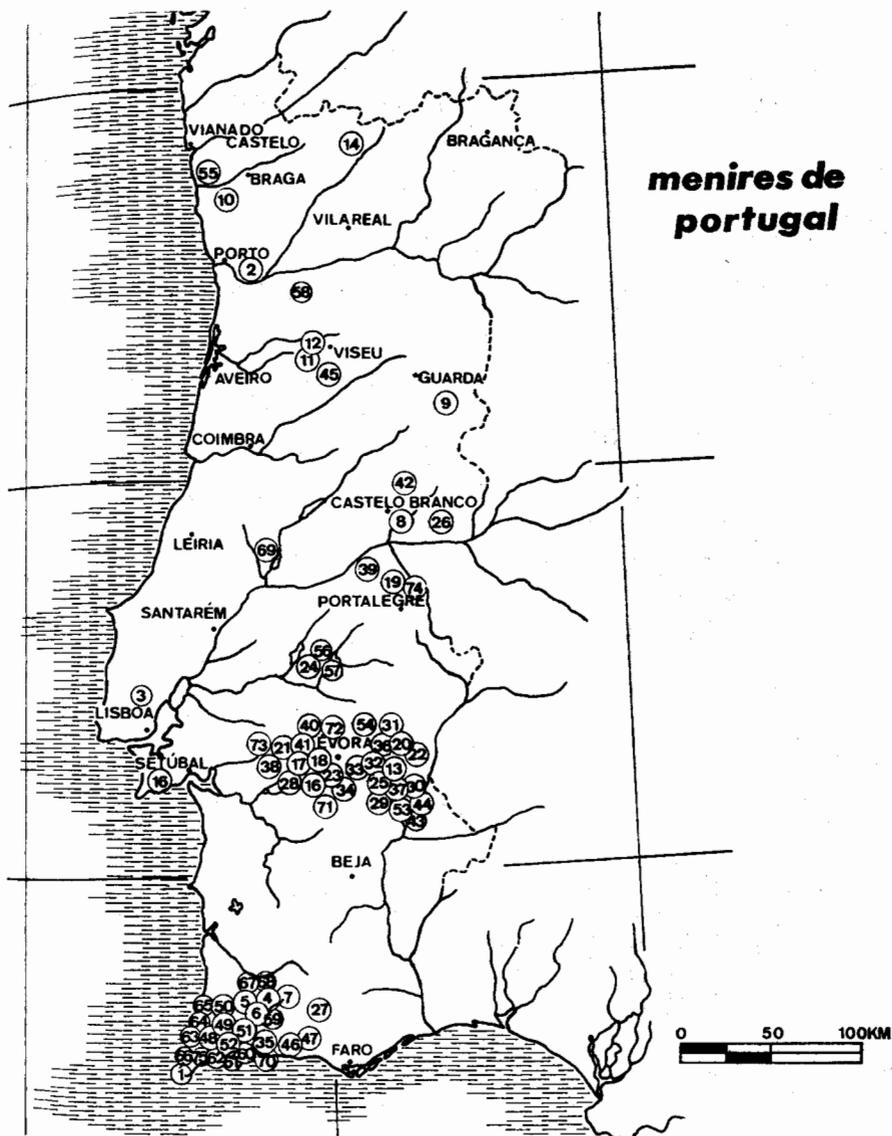


Fig. 3 — Carta da distribuição dos menires portuguesas

## MENIRES DE PORTUGAL

(A numeração respeita a ordem cronológica da descoberta, ou da publicação, e as localizações são aproximadas)

- |   |  |
|---|--|
| 1 — Cabo de S. Vicente (?)                        | 39 — Vale Sobral, Nisa   |
| 2 — Marco de Luzim                                | 40 — Oliveirinha   |
| 3 — S. João das Covas                             | 41 — Casbarra  |
| 4 — Monte Branco                                  | 42 — Fonte Fundeira — <i>cromlech</i>                              |
| 5 — Monte da Pedra Branca                         | 43 — Xarez (menires fálicos)                                       |
| 6 — Monte de Roma                                 | 44 — Xarez II  |
| 7 — Cumeada                                       | 45 — Caparrosa, Tondela  |
| 8 — S. Martinho                                   | 46 — Caramujeira, Lagoa  |
| 9 — Folha da Torre (?)                            | 47 — Areias das Almas, Lagoa                                       |
| 10 — Barcelos — <i>cromlech</i> (?)               | 48 — Courela do Castanheiro  |
| 11 — Fataunços                                    | 49 — Monte da Sabrosa  |
| 12 — Bicão dos Conqueiros                         | 50 — Portela do Padrão — <i>alinhamento</i>                        |
| 13 — Penedo dos casamentos ou Rocha dos Namorados | 51 — Monte da Rocha  |
| 14 — Turrinheiras (?)                             | 52 — Ferrel e Luz, Lagos   |
| 15 — Vale-de-Rodrigo                              | 53 — Gagos   |
| 16 — Vale da Palha, Sesimbra                      | 54 — Santa Margarida   |
| 17 — Almendres — <i>cromlech</i>                  | 55 — S. Paio de Antas  |
| 18 — Almendres — <i>menir</i>                     | 56 — Monte de Tera   |
| 19 — Póvoa e Meadas                               | 57 — Monte das Fontainhas Velhas — <i>cromlech</i>                 |
| 20 — Outeiro                                      | 58 — Penedo Comprido   |
| 21 — Portela dos Mogos — <i>cromlech</i>          | 59 — Monte da Rocha, Silves  |
| 22 — Bulhoa                                       | 60 — Atalaia, Budens   |
| 23 — Veladas                                      | 61 — Padrão, Budens  |
| 24 — Pavia — <i>cromlech</i>                      | 62 — Alcaria, Budens   |
| 25 — Ribeira do Álamo — <i>cromlech</i>           | 63 — Aspra de Antas  |
| 26 — Granja de S. Pedro                           | 64 — Monte da Pedra Branca, Raposeira                              |
| 27 — Alto das Alagoas e Pedras Ruivas             | 65 — Padrão e Milrei, Raposeira                                    |
| 28 — Herdade da Correia                           | 66 — Monte dos Amantes ( <i>santuário</i> ) e Vale de Gato de Cima |
| 29 — Farisoa — <i>cromlech</i>                    | 67 — Alfarrobeira, Silves  |
| 30 — Xarez — <i>themenos</i>                      | 68 — Gregórios, Silves   |
| 31 — Pedra Alçada                                 | 69 — Pedra dos Santos Mártires, Tomar                              |
| 32 — Penedo Gordo                                 | 70 — Figueira, Budens  |
| 33 — Vale de Cardos — <i>cromlech</i>             | 71 — Mitra, Valverde   |
| 34 — Perdigões                                    | 72 — Monte dos Mogos   |
| 35 — Vale da Lama                                 | 73 — Pedra Longa, Montemor-o-Novo                                  |
| 36 — Herdade da Capela — <i>cromlech</i>          | 74 — Água de Cuba, Marvão  |
| 37 — Vidigueiras                                  |  |
| 38 — Courela da Casa Nova                         |  |

Foi, sobretudo, na Caramujeira e nas Areias das Almas (Lagoa) que encontramos, no nível mais recente da ocupação de ambas as estações, materiais como taças carenadas de fundo convexo, vasos hemisféricos de lábio plano, com bordo espessado mas não «almendrado», associados a lâminas de dorso abatido e a furadores e raspadeiras de sílex sobre lâmina larga, com retoques abruptos, assim como a machados e a enxós de pedra picotada e polida, geralmente de secção elíptica.

A descoberta daquelas duas estações, as primeiras que no Algarve associavam menires e outros materiais arqueológicos importantes para a atribuição cronológica e cultural daqueles monumentos, oferecia-nos ainda um novo dado que se relacionava directamente com a atribuição funcional dos menires. Estes integravam ali, claramente, zonas de permanência prolongada, verdadeiros povoados «abertos», situadas em planaltos costeiros, sem defesas naturais ou artificiais, certamente ocupadas por populações cuja economia estaria, até muito tarde, assente na pesca e na recollecção de mariscos do litoral e oferecendo-nos uma utensilagem, sobretudo a lítica, com aspectos arcaizantes.

Por outro lado no Alto Alentejo encontrávamos também, descobertos a partir de meados dos anos sessenta, grandes conjuntos de menires, centrados nos arredores de Évora e de Monsaraz, estruturados em cromeleques ou isolados.

Não havia, ou não tinham sido ainda devidamente valorizados, elementos de caracterização paleo-etnológica que em termos culturais explicassem aqueles monumentos; qual a sua função ou funções e quais as suas relações com os outros monumentos megalíticos de que em termos dimensionais e tecnológicos se aproximavam, utilizando também pesados monólitos, certamente produzidos e transportados do mesmo modo que os grandes esteios dolménicos.

Um outro factor de aproximação, entre os grandes dólmenes e os menires, reside no facto de estes monumentos se encontrarem associados pelo menos em dois locais, complementarizando-se, tanto no dólmen da Granja de S. Pedro (Idanha-a-Nova) como no dólmen de falsa-cúpula de Vale-de-Rodrigo (Évora); sepulcros que ofereceram algum espólio esclarecedor em termos de caracterização cultural, atribuindo aqueles conjuntos ao Neolítico final — Calcolítico inicial, conforme tivemos já oportunidade de discutir em trabalhos anteriores (Gomes, 1982; Monteiro e Gomes, 1978; 1979; 1981).

A escavação de três menires e uma sondagem recentemente efectuada na Herdade da Pedra Longa (Montemor-o-Novo) ofereceu novos contributos para o esclarecimento desta problemática, em especial, no Alto Alentejo (Gonçalves, Gomes, Gomes e Santos, 1983). Constatou-se que também aqueles monumentos, tal como os da Caramujeira e Areias das Almas, no Algarve, se implantavam num povoado que ofereceu fragmentos de taça carenada de fundo convexo, vasos com bordo plano espessado, vasos com mamilos oblongos colocados junto ao bordo, pesos de tear

paralelepípedicos, pouco espessos com as arestas e os cantos boleados, com duas perfurações cilíndricas perto do topo superior, fabricados com pastas homogêneas e compactas, com desengordurante quartzítico e micáceo médio a grosso, superfícies avermelhadas, próprias de cozeduras em meio oxidante, algumas com acabamento polido e aguadas ou engobes do tipo «almagre». A indústria lítica é constituída por um denticulado sobre lâmina larga, com levantamentos abruptos ou semiabruptos, por percutores, poliédricos e esféricos, tal como por elementos moventes e dormentes de mós. Confirmara-se assim, no Alto Alentejo, a observação que fizéramos no Algarve, encontrando-se menires num povoado, não nos podendo passar despercebida essa cumplicidade espacial e cultural que reúne à ocupação quotidiana, com tarefas próprias à actividade profana, uma dimensão religiosa ligada à superstrutura sagrada.

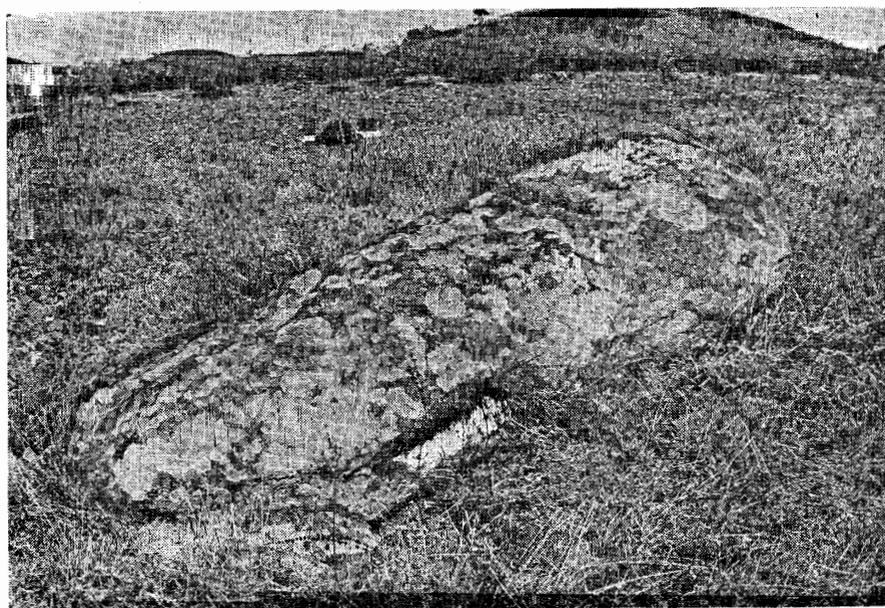
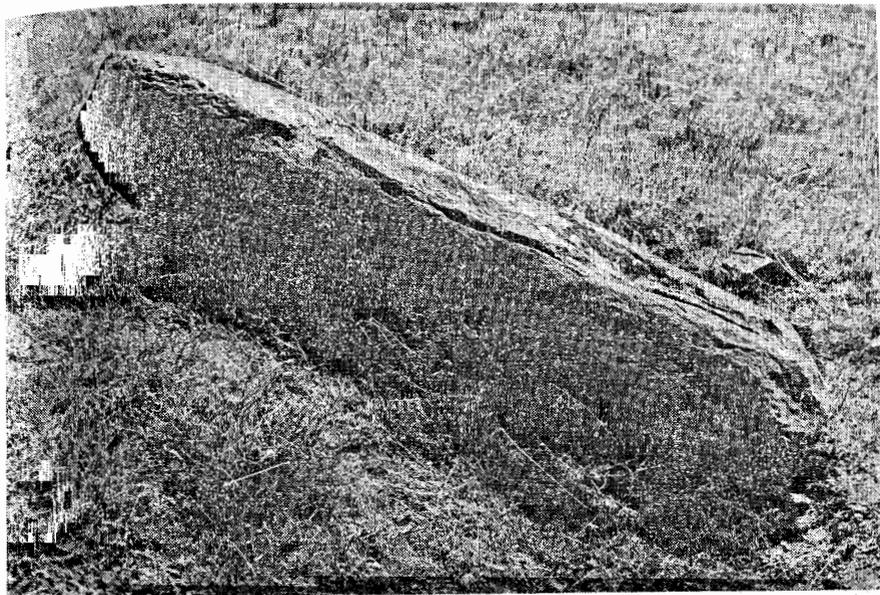
A falta de estruturas defensivas e a ausência de restos de construções habitacionais perenas que constatámos nestes povoados, assim como a grande dispersão de dólmenes e de menires, isolados ou estruturados, parece ser o reflexo de sociedades pouco hierarquizadas, cujas economias de cariz comunitário não reúnem grandes quantidades de excedentes; umas no Alto Alentejo baseadas na pastorícia, em alguns casos transumante, e outras, na costa algarvia, recorrendo à pesca e à recollecção de mariscos como complemento da actividade agrícola. Estas populações, afinal em ambos os casos num estado de seminomadismo, permanecem curtos espaços de tempo nesses *habitats*, embora a eles voltem ciclicamente, o que explica não só a ausência de defesas e a pobreza constructiva de empedrados e lareiras, ou de outras estruturas ligadas com a vida quotidiana que aqueles oferecem, como a construção e erecção dos megálitos: artefactos ideotécnicos exclusivamente ligados à actividade religiosa, cuja ideologia seria, afinal, o maior meio de coesão social, dispondo no seu processamento de programas para a sua realização colectiva.

Os menires e as estruturas que por vezes constituem seriam verdadeiros *monumentos*, os *landmarks* (físicos, religiosos ou comemorativos) de cada grupo, demarcando e carregando sempre a ideia de *sagrado* e de *território*, um «*axis mundi*», organizando o espaço físico e psíquico, com atributos propiciatórios, cuja significação mais precisada foi já por nós abordada em outro estudo (Gomes, 1982).

Recentemente, no Monte dos Amantes, não só identificámos um grupo de menires, constituindo um cromeleque de planta elíptica medindo 35 m de eixo maior, como um deles, o de maiores dimensões, mostrava o elemento dormente de uma mó fazendo parte da sua estrutura de sustentação, colocada com a superfície de trabalho, que aliás mostrava escassos sinais de uso, encostada ao monumento. Aquele aspecto, até ao momento inédito, afigura-se-nos de extrema importância por denunciar uma deposição claramente intencional, de carácter ritual, conectada com o «mundo subterrâneo» mas fisicamente unida ao menir.

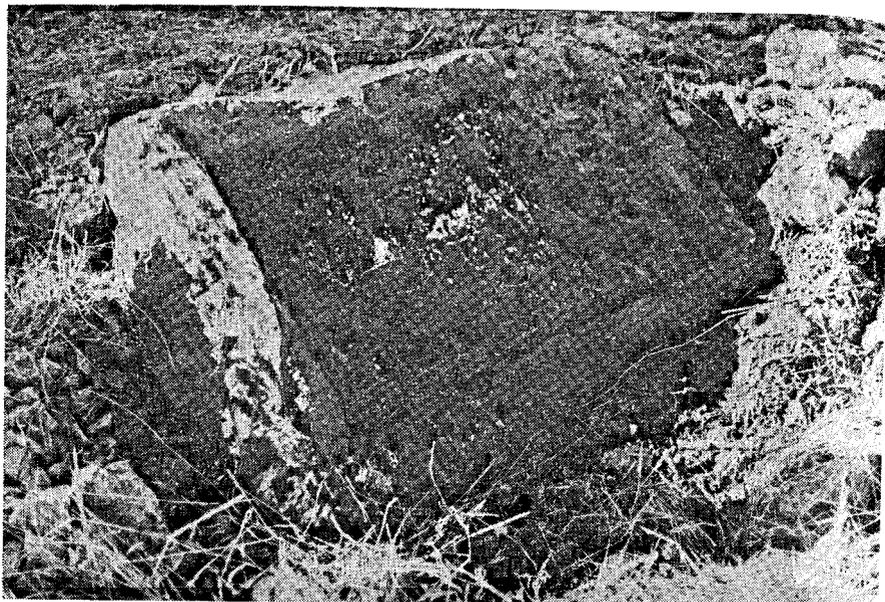
Também as dimensões da mó e a rocha com que foi fabricada, um riço grauvaque de cor verde trazido da costa, contrastam com os restantes elementos da coroa de sustentação daquele monumento, todos eles recolhidos no local, de calcário e de menores dimensões, reafirmando um comportamento religioso e ao mesmo tempo simbólico que o menir carrega. Este aspecto deve de ser posto em paralelo com o facto de alguns menires apresentarem as suas decorações emergindo da terra e quando decorados com covinhas estas estenderem-se, por vezes, também à zona soterrada do monumento, até junto à sua coroa de sustentação, como acontece no menir central do Xarez (Reguengos de Monsaraz) e no menir 1 de Vale Sobral (Nisa). Ainda dentro desta hipótese de significação daqueles monumentos, certamente conotados com a propiciação tanto humana como agrícola, teremos de interligar todos os elementos decorativos que os menires nos oferecem, servidos geralmente de uma simbólica feminina (triângulos, mamilos, ondulados, cadeias de elipses) sobre suportes cujas formas são, por vezes, naturalisticamente fálicas. Também os próprios locais onde foram instalados, próximos a linhas de água ou em zonas alagadiças, parecem integrar aquele quadro interpretativo e, ainda neste sentido, porque não valorizarmos o quase constante aparecimento de mós bem perto dos menires, ou dos recintos por eles constituídos, mesmo quando não foram instalados em zonas de *habitat*.

É possível que uma escavação, junto ao local onde pensamos ter estado implantado o menir dos Gregórios, possa ainda proporcionar-nos novos elementos arqueológicos referentes, sobretudo, ao tipo da sua estrutura de sustentação para podermos, pelo menos, promover a sua erecção no local que primitivamente ocupava.

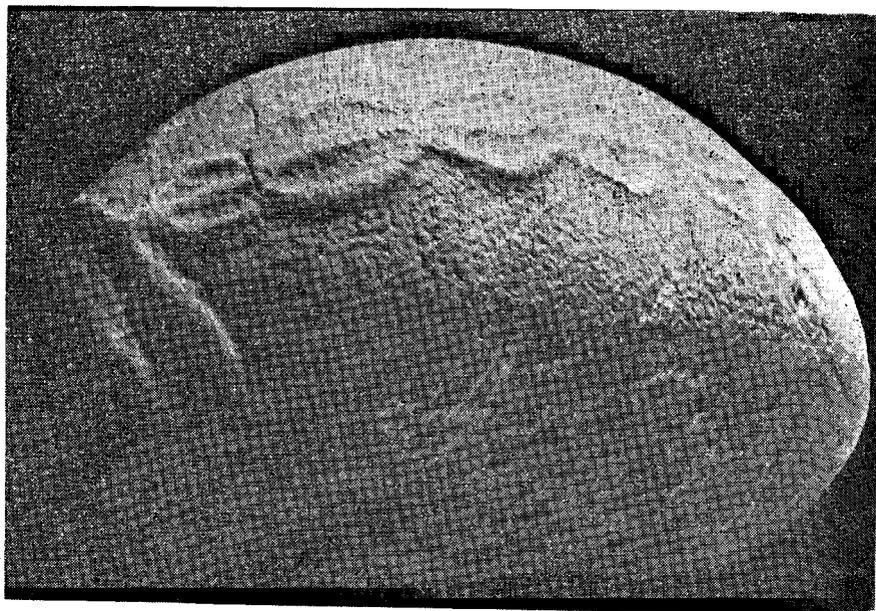


*O menir dos Gregórios (RVIII/79-6,7)*

ESTAMPA II



A — *Fragmento de um dos menires da Cumeada (Silves) (RIX/80-12)*



B — *O menir do Vale da Lama (Silves)*

## BIBLIOGRAFIA

- BEIRÃO, C. M. (1973) — Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição para a Idade do Ferro no sul do País, *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Assoc. dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. I, pp. 193-221, Lisboa.
- GOMES, M. V. (1982) — Aspects of megalithic religion according to the portuguese menhirs, *The intellectual expressions of prehistoric man: art and religion, Actes du III<sup>e</sup> Valcamonica Symposium*, Capo di Ponte, pp. 385-401.
- GOMES, M. V. e MONTEIRO, J. P. (1977) — Las estelas decoradas do Pomar (Beja — Portugal). Estudio Comparado, *Trabajos de Prehistoria*, Vol. 34, pp. 165-214.
- GOMES, M. V., MONTEIRO, J. P. e SERRÃO, E. C. (1978) — A estação pré-histórica da Caramujeira, Trabalhos de 1975/76, *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Assoc. dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. I, pp. 33-72, Lisboa.
- GONÇALVES, J. P. (1970) — Menires de Monsaraz, *Arqueologia e História*, 9.<sup>a</sup> série, Vol. II, pp. 151-176.
- (1972) — Arte rupestre de Monsaraz, *Arquivos do Centro Cultural Português*, F. Calouste Gulbenkian, Vol. V, pp. 489-502.
- (1975) — Roteiro de alguns megálitos da Região de Évora, *A Cidade de Évora*, n.º 58, pp. 241-261.
- GONÇALVES, J. P., GOMES, M. V., GOMES, R. V. e SANTOS, M. F. dos (1983) — Os menires da Pedra Longa (Montemor-o-Novo, Évora), *Arqueologia e História*, (no prelo).
- LEISNER, G. (1944) — O dólmen de falsa-cúpula de Vale-de-Rodrigo, *Biblos*, Vol. XX, pp. 1-30.
- MONTEIRO, J. P. e GOMES, M. V. (1978) — Os menires da Charneca do Vale Sobral (Nisa), *Revista de Guimarães*, Vol. LXXXVII, pp. 189-206.
- (1979) — Menires do Algarve, *Actas del XV Congreso Nacional de Arqueologia*, pp. 355-374, Zaragoza.
- (1981) — The menhirs of Portugal, *Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici*, Vol. XVIII, pp. 75-88.
- PINA, H. L. (1971) — Novos monumentos megalíticos do distrito de Évora, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, 1970, Vol. I, pp. 151-162.
- (1976) — Cromlechs und menhire bei Évora in Portugal, *Madrider Mitteilungen*, n.º 17, pp. 9-20.
- SANTOS, M. F. dos (1974) — Dolmens et menhirs de l'Alentejo, le grand plateau du mégalithisme portugais, *Les Dossiers de l'Archeologie*, n.º 4, pp. 10-18.

- SILVA, C. T. e SOARES, J. (1976-77) — Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo-Alentejo e Algarve, *Setúbal Arqueológica*, Vol. II-III, pp. 179-272.
- (1981) — *Pré-história da Área de Sines*, Gabinete da Área de Sines, 230 pp., 176 figs., Lisboa.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1886) — *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, Vol. I, 305 pp., XXIX Ests., Imprensa Nacional, Lisboa.
- (1891) — *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, Vol. IV, 346 pp., XLV Ests., Imprensa Nacional, Lisboa.
- VICENTE, E. P. e MARTINS, A. S. (1979) — Menires de Portugal, *Ethnos*, Vol. VIII, pp. 107-138.
- ZBYSZEWSKI, G., FERREIRA, O. da V., SOUSA, H. R., NORTH, C. T. e LEITÃO, M. (1977) — Nouvelles découvertes de cromlechs et de menhirs au Portugal, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo LXI, pp. 63-73, 16 figs.